

4ª Domingo do Tempo Comum

O texto que a liturgia do quarto domingo comum nos propõe como primeira leitura começa com uma exortação aos “humildes”.

Quem são esses humildes a quem o profeta se dirige? São aqueles que confiam em Deus e se entregam nas suas mãos, que se dispõem a seguir os caminhos de Deus, que aceitam as propostas de Deus e que não se colocam contra Ele. São, além disso, aqueles que praticam a justiça, que respeitam os direitos dos mais débeis, que não cometem arbitrariedades, que não assumem uma atitude de superioridade para com os seus irmãos, que não tratam os outros com prepotência... Equivalem aos “pobres” das bem-aventuranças de que Jesus fala, mais adiante, no Evangelho. Os que vivem nessa atitude não estão perdidos: encontrarão “proteção no dia da ira do Senhor”.

No lado oposto, totalmente oposto, estão os orgulhosos e autossuficientes. São os que não querem saber de Deus, que ignoram os mandamentos de Deus, que acham que não precisam de Deus e por isso escolhem caminhos onde Deus não está. São, além disso, aqueles que praticam a injustiça, que vivem na mentira, que tratam os outros com arrogância, que não respeitam a dignidade dos seus irmãos. Esses, no “grande Dia do Senhor” – dia de ira, de angústia, de destruição e devastação, de trevas e escuridão, de nuvens e de névoas espessas, de trombetas e de alarme, “sofrerão as consequências da indignação de Deus”.

Depois de castigados e exterminados os orgulhosos, os arrogantes e os prepotentes... sobreviverão os pobres e os humildes: um “resto de Israel” que se entregará nas mãos do Senhor e Lhe obedecerá em tudo, que “não mais cometerá injustiças nem dirá mentiras”. Daqui, diz o profeta, nascerá um povo novo, de coração transformado, capaz de viver na fidelidade a Deus e à Aliança.



Na sequência, a catequese de Israel falou e falará sempre dos “pobres” como os preferidos de Deus. A designação “pobres” já não indica apenas um grupo economicamente débil, mas refere-se sobretudo a uma categoria de pessoas que assumem uma atitude espiritual de abertura a Deus e aos irmãos. O verdadeiro crente – o “pobre” – é aquele que é humilde, simples, pacífico, piedoso, que confia em Deus e se entrega nas suas mãos, que obedece às propostas de Deus e que é justo e solidário com os irmãos.

É neste espírito de humildade e de justiça para com todos os nossos irmãos que devemos pautar a nossa vida. Será que estamos todos alinhados com esse espírito? Será que a nossa vida, no dia a dia, no emprego, em casa, no trabalho, etc corresponde aos que dizemos e fazemos quando estamos na igreja? Será que há aspetos onde cada um de nós pode fazer mais e melhor? Precisamos de transformar o nosso coração?

Recordemos o salmo deste dia, e que encaixa perfeitamente no discurso de Jesus no cimo do monte: Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos Céus...

Diácono José Alves

AGENDA

Peregrinação da Consolata a Fátima

A quem deseja participar da Peregrinação à Fátima dos Missionários da Consolata, no dia 21 de fevereiro, convidamos a inscreverem-se. O valor é de 20 euros, não incluindo o almoço.

IV Jornada Vicarial de Liturgia

A Vigararia de Sintra irá promover a IV Jornada dedicada à liturgia sob o tema Vigília Pascal: da Páscoa à PÁSCOA da eternidade. Poderá fazer a sua inscrição a partir do seguinte Link: <https://forms.gle/YgJh1eKKMcSNKJgE8>

Festa da apresentação do Senhor no Templo

Na segunda-feira, dia 2, celebramos a festa da apresentação de Jesus no Templo, popularmente chamada Nossa Senhora das Candeias. Neste dia, na missa das 19h00, na Igreja do Algueirão, serão abençoadas as velas para conservarem em casa. As velas estarão disponíveis antes da eucaristia.

Precisamos de catequistas

A nossa paróquia precisa de catequistas. Os interessados deverão contactar o cartório paroquial ou a equipa de acolhimento.

Mensagem do Papa Leão XIV – Consagrados – 2026

Queridas consagradas, queridos consagrados, com esta carta desejamos chegar idealmente até vocês em todas as partes do mundo, nos lugares da vida e da missão de cada um de vocês, para expressar gratidão pela fidelidade ao Evangelho e pelo dom de uma vida que se torna semente espalhada nas dobras da história. Uma vida às vezes marcada pela provação, mas sempre vivida como sinal de esperança.

Ao longo do último ano, durante as viagens e visitas pastorais do Dicastério, tivemos o dom de tocar e de nos deixar alcançar por esta vida, encontrando os rostos de tantas pessoas consagradas chamadas a partilhar situações complexas: contextos marcados por conflitos, instabilidade social e política, pobreza, marginalização, migrações forçadas, minorias religiosas, violências e tensões que põem à prova a dignidade das pessoas, a liberdade e, por vezes, a própria fé. Experiências que revelam o quão forte é a dimensão profética da vida consagrada como **«presença que permanece»**: ao lado dos povos e das pessoas feridas, nos lugares onde o Evangelho é vivido muitas vezes em condições de fragilidade e de provação.

Este «permanecer» assume diferentes formas e esforços, porque diferentes são as complexidades das nossas sociedades: onde a vida quotidiana é marcada por fragilidades Institucionais e insegurança, onde as minorias religiosas vivem pressões e restrições; onde o bem-estar coexiste com solidões, polarizações, novas pobreza e indiferença; onde as migrações, as desigualdades e a violência generalizada desafiam a convivência civil. Em muitas partes do mundo, a situação política e social põe à prova a confiança e desgasta a esperança: e é precisamente por isso que a presença fiel de vocês, humilde, criativa e discreta se torna um sinal de que Deus não abandona o seu povo. O «permanecer» evangélico nunca é imobilidade nem resignação: é esperança ativa que gera atitudes e gestos de paz: palavras que desarmam precisamente onde as feridas dos conflitos parecem apagar a fraternidade; relações que testemunham o desejo de diálogo entre culturas e religiões; escolhas que protegem os pequenos, mesmo quando ficar do lado deles exige um preço a pagar; paciência nos processos, mesmo dentro da comunidade eclesial; perseverança na busca de caminhos de reconciliação a construir na escuta e na oração; coragem na denúncia de situações e estruturas que negam a justiça e a dignidade das pessoas. Precisamente por isso, este permanecer não é apenas uma escolha pessoal ou comunitária, mas torna-se uma palavra profética para toda a Igreja e para o mundo.

Neste «permanecer» como semente que aceita morrer para que a vida floresça, em formas diferentes e complementares, expressa-se a profecia de toda a vida consagrada. A vida apostólica torna visível uma proximidade operosa que sustenta a dignidade ferida; a vida contemplativa guarda, na intercessão e na fidelidade, a esperança quando a fé é provada; os Institutos seculares testemunham o Evangelho como fermento discreto nas realidades sociais e profissionais; o *Ordo virginum* manifesta a força da gratuidade e da fidelidade que abre para o futuro; a vida eremítica recorda o primado de Deus e o essencial que desarma o coração. Na diversidade das formas, uma única profecia toma corpo: permanecer com amor, sem abandonar, sem calar, fazendo da própria vida a Palavra para este tempo e para esta história.

É precisamente dentro desta profecia de permanência que amadurece um testemunho de paz. O Papa Leão XIV insistiu nisso nas suas intervenções, indicando a paz não como uma utopia abstrata, mas como um caminho exigente e quotidiano que requer escuta, diálogo, paciência, conversão da mente e do coração, rejeição da lógica da prevaricação do mais forte. A paz não nasce da oposição, mas do encontro, da responsabilidade partilhada, da capacidade de escuta e do caminho sinodal, do amor por todos na linha do Evangelho, segundo o qual todos são irmãos. Por isso, a vida consagrada, quando permanece ao lado das feridas da humanidade sem ceder à lógica do confronto, mas sem renunciar a dizer a verdade de Deus sobre o homem e sobre a história, torna-se — muitas vezes sem alarde — artífice da paz. Caríssimas e caríssimos, agradecemos-vos pela vossa perseverança quando os frutos parecem distantes, pela paz que semeais mesmo quando não é reconhecida.

Continuemos a guardar com gratidão na memória a experiência do Jubileu da Vida Consagrada, que nos chamou a ser peregrinos de esperança no caminho da paz: não é um slogan ou uma fórmula. Vivemos essa experiência concretamente também no caminho que nos preparou para nos encontrarmos em Roma. É, ao invés, um estilo evangélico a ser encarnado, todos os dias, onde a dignidade é ferida e a fé é provada.

Confiamos cada um e cada uma de vocês ao Senhor, para que vos torne firmes na esperança e mansos no coração, capazes de permanecer, de consolar, de recomeçar: e assim de ser, na Igreja e no mundo, profecia da presença e semente da paz.

CONFISSÕES

A equipa pastoral organizou os horários e locais das confissões, de forma a facilitar o acesso de todos a este sacramento. As confissões realizam-se ao longo da semana, em diferentes locais da paróquia.



Dia	Local	Horário
Segunda-feira	Telhal	17h00 - 18h00
Terça-feira	Algueirão	17h30 - 19h00
Quarta-feira	Mercês	17h00 - 18h00
Quinta-feira	Mem Martins	09h30 - 10h30
Sexta-feira	Algueirão	17h30 - 19h00

“CAMINHEMOS NA ESPERANÇA” - COM CRISTO, EM IGREJA SINODAL, SOMOS PEREGRINOS DE ESPERANÇA